

Camões a palo seco

Joaquim Branco

Poeta, crítico, professor de Literatura na FIC (Faculdades Integradas de Cataguases). Doutor em Letras pela UERJ. Autor de diversos livros, como *Passagem para a modernidade*, *Jogo de palavras*, *Janelas de Leitura*, e outros.
e-mail: joaquimb@gmail.com

Resumo: Metalinguagem para *Os Lusíadas*, em nível crítico/recreativo, como uma dissecação *a palo seco* no corpo do poema (a obra como processo). Cinco movimentos multiplicadores da informação. Criação de um para-texto. Desvios semânticos. Bi ou tri-autoria pela substituição de textos.

MOVIMENTO I – Gráfico expositivo do *cacoete das rimas*, que poderá ser aproveitado para qualquer poema rimado, com formato clássico ou parnasiano, preso pelo excesso de rigidez formal. O processo terá como resultado a libertação das palavras que formam, no caso, o arquétipo camoniano, ‘desaprisionando’ até a retórica da poesia. Surgem novos campos de exercício e até de significação: o poema sem verso, o ludismo concreto, a propaganda, a homenagem ao vate português etc. O espaço pontilhado funciona como silêncio, lembrando ao leitor as antigas e tortuosas análises sintáticas da obra, a música das estrofes soando como hinos patrióticos, sua eloquência ruibarboseana e outras:

.....	<i>forte</i>
.....	<i>cercado</i>
.....	<i>sorte</i>
.....	<i>magoado</i>
.....	<i>morte</i>
.....	<i>livrado</i>
.....	<i>perdido</i>
.....	<i>apercebido</i> ¹

¹ CAMÕES, Canto III, estrofe 35.

MOVIMENTO II – Trocando-se de lugar as palavras finais dos versos (onde cai o peso das rimas), atinge-se outra voltagem (o lúdico versus o semântico) e aparece aqui uma espécie de rema-rema de rimas que conduz o leitor-consumidor a continuar o jogo através de toda a epopeia camoniana, que agora se transformou numa teia-labirinto percorrida e modificada até as últimas consequências:

E também as memórias **viciosas**
daqueles Reis que foram **devastando**
a Fé, o Império e as terras **gloriosas**
de África e de Ásia andaram **dilatando**
e aqueles que por obras **libertosas**
se vão da lei da Morte **valorando**:
cantando espalharei por toda a **arte**
se a tanto me ajudar o engenho e **parte**.²

MOVIMENTO III – O terceiro processo consiste em “esfriar” o retumbante camoniano com a fórmula-poema *a palo seco*, de João Cabral de Melo Neto. Aí o conjunto toma a forma de vasos comunicantes onde as palavras de um e outro – Camões e João Cabral – se interpenetram, procuram melhores posições (além da simples justaposição feita/proposta inicialmente), compondo um todo plástico-cantábil. Radiopoemografia: Secura + Engenharia + Poesia, de um lado; de outro: Grandiloquência + Artesanato + Poesia + História. Os dois blocos semânticos formam um só, e, em certos momentos, enxugam ou melam, transbordam ou secam uma parte ou outra. Observe-se também a manutenção do significado da estrofe, cuja preocupação tivemos:

Se diz a palo seco as armas e os Barões assinalados
o cante sem guitarra; que da ocidental praia lusitana,
o cante sem; o cante; por mares nunca de antes navegados
o cante sem mais nada; passaram ainda além da Taprobana,
se diz a palo seco em perigos e guerras esforçados,
a esse cante despido: mais do que prometia a força humana,
ao cante que se canta e entre gente remota edificaram
sob silêncio a pino, novo reino, que tanto sublimaram.³

MOVIMENTO IV – Este processo consiste em ressonorizar as estrofes, por meio da melopeia-fanopeia-logopeia de Mário Faustino. Assim, em lugar da aparição do deus-travesti Baco e do famoso verso de abertura de *Os lusíadas* (“As armas e os barões assinalados”), leia-se:

² Ibidem, Canto I, estrofe 2.

³ MELO NETO, p. 160, e CAMÕES, Canto I, estrofe 1.

Nosso inimigo toma nosso aspecto
para zombar da nobre nossa espécie:

e quem nos erguerá deste sepulcro?

Herói, vê teus barões assinalados:
escondem luzes feitas para arder
por todo o império; e nunca se contemplam
direto ao coração, antes de agir,
e querem reformar o reino sem
reformular as províncias;

A noite tomba, Iésus, e no céu
da tarde, onde os revãos de mil pombas
soltas pelo desejo de teu reino?
Todo este caos, Homem, para dizer-te
não seres Deus nem rei nem sol nem sino
dos animais, das pedras – ou dizer-te
ser débil cana o cetro que não podes
quebrar, ser de ervas más o diadema
que não podes cortar com teus cabelos.⁴

MOVIMENTO V – Poema em louvor ao homem-poeta Camões, feito em moldes para-concretos:

PERFIL A PAVIO

Poeta e homem
Camões.
Épico. Édipo.
Camões lírico, lúdico.
Forma e fôrma.
Estrófico-exótico.
Camões louco.
Camões osso. Moço.
Camões velho do Restelo.
Adamastor amado.
Tonitroante. Canoro.
Tuba ou turbante.
Do Demo. Estrôncio
camoníaco.
Luso e idílico.
Liso e fugidio.

⁴ FAUSTINO, p. 57.

■ Joaquim Branco

De permeio,
Camões
de fio a pavio.⁵

Referências

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1916.

MELO NETO, João Cabral de. *Quaderna* in *Obras completas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

FAUSTINO, Mário. *O homem e sua hora*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1955.

BRANCO, Joaquim. Perfil a pavio, in: _____. *Jogo de palavras*. Cataguases: Funcec, 2008.

⁵ BRANCO, p. 22.